

# DOMINICA PASCHÆ IN RESURRECTIONE DOMINI

Litteræ Ministri Generalis Ordinis Fratrum Minorum 2018



# ABRIRAM-LHES OS OLHOS E ELES O RECONHECERAM!

Lc 24, 31

Queridos Irmãos,

A presença de Jesus ressuscitado e glorioso esteja com todos vocês!

Neste ano a nossa Ordem celebrará o Conselho Plenário em Nairóbi, colocando no centro da reflexão o tema da Escuta como condição para poder interpretar criativamente aquilo que o Senhor diz em sua Palavra, nos acontecimentos cotidianos e na vida de cada um dos frades. Pensei então que esta carta pascal deveria estar em sintonia com este tema, buscando na fonte inexaurível da Palavra alguns textos bíblicos paradigmáticos que podem ajudar-nos a compreender melhor o mistério da ressurreição de Cristo e sobretudo o efeito que provoca um evento tão grande na vida de cada um daqueles que creem.

A Quaresma nos ofereceu chaves de interpretação muito importantes em nosso itinerário rumo à Páscoa. A cada Domingo nós escutamos algumas leituras que nos mostram o empenho de Deus em oferecer o dom da salvação a um povo que a própria Escritura define como sendo de cabeça dura. No segundo Domingo da Quaresma, de modo particular, a liturgia nos ofereceu um trecho do Novo Testamento sobre a Transfiguração do Senhor que, sem dúvida quer ser um prelúdio do esplendor da glória que o Filho viverá e fará viver todos aqueles que creem nele. Esta condição de glória, porém, não será possível sem antes ter que enfrentar uma das provas mais insidiosas e dilacerantes: a morte. Focalizo o olhar em primeiro lugar sobre este texto porque nele evidencia-se claramente uma situação de perplexidade, confusão e até atordoamento por parte dos três discípulos que Jesus tinha levado consigo. Pedro, por primeiro, deseja um estado de bem-estar que contrasta com a frase que Jesus

tinha pronunciado em precedência: *quem quiser salvar a própria vida a perderá, mas quem perder a própria vida por minha causa e por causa do Evangelho, a salvará (Mc 8,35).*

A versão do evangelista Marcos evidencia o desânimo e a confusão que os discípulos experimentaram depois que receberam o anúncio da paixão e morte de Jesus. Tal perplexidade aproxima-se àquela que os discípulos de Emaús experimentaram. Eles pensam que entenderam o que tinha acontecido em Jerusalém, mas Jesus avalia como *insensatos e lentos de coração* (cf. Lc 24,25). A cena da Transfiguração acentua particularmente o ato de “escutar”. Quando Jesus se transfigura diante deles, uma voz provinda da nuvem diz: *este é o meu Filho, escutai-o (Mc 9,7)*; um imperativo muito útil para reafirmar a ideia de que o poder da morte e o suplício da cruz não podem superar a eficácia da tarefa messiânica e salvadora, mas que tal sacrifício tornar-se-á uma bandeira da vitória que proclama a derrota da morte (cf. 1Cor 15,55). Escutar aqui significa escolher como escolheu Jesus, aceitar o estilo proposto por Ele, seguir atrás dele (cf. Mc 8,34), em um caminho que inicialmente não é glorioso, nem cheio de estímulos, mas que levará cada pessoa à plenitude da vida, a uma vida verdadeira no amor, na paz e na comunhão com todos.

Um segundo texto que eu gostaria de considerar, sempre em chave de escuta, é a narração pós-pascal do encontro de Jesus com os dois discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-35). Um texto fascinante, escrito com uma habilidade notável, composto para ser um ensinamento sobre o caminho dos discípulos que aprendem a reconhecer o Senhor ressuscitado.

Os textos evangélicos que narram os encontros com o Ressuscitado são vários e diversos nas

formas, nas modalidades, nos estilos, mas todos concordam em evidenciar como não foi fácil, nem mesmo para os discípulos que tinham vivido com Jesus, de reconhecer o Ressuscitado. Os evangelistas coincidem em dizer que quando os discípulos encontravam Jesus ressuscitado duvidavam e não tinham certeza de quem era, pois não o viam como o tinham visto poucos dias antes, na sua experiência histórica, na carne de sua humanidade, pelo qual se confirma que o Ressuscitado é exatamente o mesmo, mas é completamente diferente.

O evangelista Lucas afirma a ideia de que não basta ver Jesus para crer no Ressuscitado. É necessário fazer um caminho inteligente de compreensão das Escrituras para chegar, acompanhados pelo próprio Jesus, a um reconhecimento verdadeiro de sua presença. Em outras palavras, é a meditação das Escrituras e a aplicação destas a Jesus que na comunidade dos fiéis faz brotar uma convicção da veracidade da Ressurreição.

A fé pascal não é só fruto do ver com os olhos, mas do repensar as Escrituras observando o seu cumprimento na pessoa do Ressuscitado. Eis porque a visão sozinha não é suficiente: não é a aparição que persuade, mas a explicação da Escritura e o itinerário de crescimento que se faz rumo a uma maturidade na fé. O próprio Paulo afirma na carta aos Romanos: *como poderiam invocar aquele em quem não creram? E como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador?* (Rm 10,14). Lucas ambienta o episódio em uma tarde em que o sol já vai entrando. Os discípulos dirigem-se para Emaús, em uma estrada de descida, é um caminho de retorno para casa, assinalado pela tristeza e pelo desejo de retirar-se em um ambiente privado, caracterizado pelo falimento e pela desilusão. Voltam porque pensam que erraram, que perderam tempo na vida deles. Seguiram um personagem, Jesus, esperando que fosse ele que salvaria Israel, mas ao contrário, tudo acabou tragicamente. A um certo ponto Jesus se une a eles e caminha com eles. Os dois discípulos que deveriam conhecer muito bem Jesus, pois estiveram com Ele um bom período de tempo, agora não são capazes de reconhecê-lo. Por qual motivo?

Depois desta aproximação física do Ressuscitado em relação aos discípulos, Ele ainda toma a iniciativa de perguntar: *que palavras são essas que trocáis?* (Lc 24,16). Jesus mostra um comportamento educativo e faz uma pergunta retórica para fazê-los expressarem e envolvê-los. Não manifesta-se imediatamente porque o reconhecimento do Ressuscitado requer um caminho. Parafraseando a pergunta, Jesus está dizendo: o que está no coração de vocês, qual é o interesse de vocês? À pergunta feita por Jesus segue uma longa resposta destes dois discípulos carregada de presunção e com o desejo de querer ensinar algo; praticamente é a transmissão oral do falimento que eles estão experimentando naquele exato momento. Eis porque eles não o reconhecem. Eles estão convictos de saberem mais do que aquele forasteiro que acabaram de encontrar.

Um particular que precisa notar está no fato do evangelista colocar em cena os dois discípulos, mas nomeia apenas um, Cléofas. Quem poderia ser o outro? Considerando a natureza própria das narrações bíblicas do ponto de vista narrativo, o narrador deixa um espaço para que o leitor se sinta envolvido e ocupe também um lugar dentro da narração. O outro discípulo, então, sou eu, é você, é cada fiel que recebe este anúncio. Existem outros particulares a evidenciar nestes textos, mas tentando vê-los integralmente gostaria acima de tudo propor uma pergunta: estamos convictos, nós os frades de nosso tempo, de reconhecer a pessoa do Ressuscitado que percorre o caminho também conosco?

Durante as visitas que tive o privilégio de fazer em algumas Entidades de nossa Ordem, eu pude constatar que uma grande maioria dos irmãos e irmãs sabem testemunhar a ressurreição do Senhor com a própria vida; contudo, constatei também que ainda em certos âmbitos existem “rumores” externos e até mesmo internos, que obstaculizam a intenção de colocar-se à escuta do Senhor e impedem de percorrer um caminho de profundo discernimento semelhante àquele que viveram os dois discípulos do Evangelho, depois de terem vivido juntos com Jesus um momento eucarístico sublime e salvador.

Para mim, nós estamos expostos a um duplo risco que consigo entrever nas narrações

evangélicas expostas. Por uma parte, o medo e a perplexidade quando temos que enfrentar as adversidades que nos empurram a permanecerem em nossa “área de conforto”, evitando a escolha do caminho da cruz proposto por Jesus. É como se buscássemos economizar os momentos de desconforto para experimentar um estado de falso conforto que nos leva a dar prioridade ao nosso próprio projeto, deixando em segundo plano o projeto de Deus. Por outra parte, podemos adotar um comportamento inicial dos dois discípulos que vão rumo a Emaús, isto é, aqueles que creem saber tudo e instruir os outros, até mesmo no pessimismo e no desânimo, sem sequer parar um instante para escutar os interlocutores. Com dor, de vez em quando eu devo encontrar-me diante da realidade de irmãos que sofrem as consequências da falta de comunicação nas fraternidades locais e provinciais. Isto me confirma mais uma vez que as pessoas “cheias de si mesmas” dificilmente podem abrir um espaço para escutar a voz do outro, e não são capazes de fazer silenciar tantas vozes que falam ao mesmo tempo, para dar prioridade ao silêncio como um espaço privilegiado para escutar Deus e para ler os sinais dos tempos com audácia e sabedoria. O maior problema aparece quando as coisas não vão como estavam previstas. Acontece o mesmo que aconteceu com os discípulos de Emaús: chega a desilusão, o falimento, a desolação, o desejo de deixar tudo para voltar atrás e não querer saber de mais nada. Assistimos então à ruína do projeto individual, pois acreditávamos que éramos o centro de tudo, deixando de lado Jesus, o autor verdadeiro e próprio de cada projeto.

O evento da Ressurreição não pode ser reduzido à contemplação de um morto que volta à vida. A Ressurreição vai além da dimensão física e nos leva a uma experiência de autêntica salvação, com os efeitos que esta produz, assim como

ocorreu com os discípulos da primeira geração. O evangelista Lucas insiste na ideia de que só se pode reconhecer o Ressuscitado se se caminha com Ele, enquanto nos ensina e nos explica as Escrituras e, de modo particular, quando se senta à mesa com Ele para partilhar o pão partido. *Seus olhos se abriram e o reconheceram*, diz o texto, para evidenciar que, apesar da insensatez deles, depois de percorrer o caminho com Ele, foram capazes de redescobrir a nova presença do Ressuscitado. Esta é a boa nova declarada pelo próprio Evangelho: nós também seremos capazes de vencer cada tentação de autorreferencialidade ou de ceticismo se nos exercitarmos no escutar a Deus e aos nossos irmãos, se formos capazes de entender com a mente e com o coração a Palavra revelada que nos foi entregue. Em São Francisco encontramos o claro exemplo de alguém que faz um caminho de vida evangélica, junto com os seus irmãos e com os pobres, e que chega com o coração cheio de alegria ao reconhecimento daquele que transformou para sempre a sua vida.

Concluo esta carta com as palavras que nos presenteou o Papa Francisco na carta de Quaresma deste ano: “Na noite de Páscoa, reviveremos o sugestivo rito de acender o círio pascal: a luz, tirada do «lume novo», pouco a pouco expulsará a escuridão e iluminará a assembleia litúrgica. «A luz de Cristo, gloriosamente ressuscitado, nos dissipe as trevas do coração e do espírito», para que todos possamos reviver a experiência dos discípulos de Emaús: ouvir a palavra do Senhor e alimentar-nos do Pão Eucarístico permitirá que o nosso coração volte a inflamar-se de fé, esperança e caridade” (*Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma 2018*).

Desejo a todos vocês uma abençoada e santa Páscoa na estrada da escuta e do discernimento, isto é, da vida renovada em Cristo.

Roma, 29 de março de 2018

Quinta-feira Santa



Fr. Michael Anthony Perry, OFM  
Ministro geral e servo